

Simpósio temático: **URBANIDADE(S)**

TRADUÇÕES EXPERIENCIAIS DA URBANIDADE **EXPERIENTIAL TRANSLATIONS OF URBANITY**

Paulo Afonso Rheingantz, Dr., PROARQ/FAU-UFRJ par@ufrj.br¹

Resumo

Este artigo propõe uma reflexão sobre o significado de *Urbanidade* com base na Teoria ator-Rede ou Actor-Network Theory (ANT) e do seu enquadramento enquanto discurso Científico. A ANT possibilita *traduzir* o mundo como uma rede configurada pela justaposição de um conjunto dinâmico e heterogêneo de experiências ou fluxos e possibilidades não deterministas. Utilizo *tradução* em lugar de *relato* ou *representação* por entender que seu significado lingüístico e figurado é mais apropriado e abrangente. Traduzir é fazer conexão, se ligar a alguma coisa, e supõe percepção, interpretação e apropriação. Com base na ANT, em lugar de definir ou explicar *Urbanidade*, proponho traduzi-la como um *coletivo* que resulta das relações e interações entre humanos e não-humanos, cujo entendimento depende do contexto vivencial de nossas experiências. Todo *coletivo* urbano, dotado ou não de Urbanidade, reúne a materialidade de seu espaço físico e os elementos humanos que os habitam, seus valores, afetos e emoções. Enquanto algumas cidades e lugares nos emocionam, outras nos causam mal estar. Estes *sentimentos ou traduções de Urbanidade* se manifestam nas relações entre os diversos atores humanos e não-humanos presentes nas cidades e lugares e não podem ser completamente ou fielmente traduzidos em palavras. O *sentimento de Urbanidade* contém (mas não se limita) a materialidade de um lugar e não deve ser entendido como uma moldagem concebida exclusivamente pelos humanos. A *natureza da Urbanidade* resulta da relação entre natureza – o mundo das coisas em si – e sociedade – o mundo dos homens em si. As *relações de Urbanidade* surgiram com a urbanização e antecedem o urbanismo e suas teorias. Urbanidade pode ser entendida como um conjunto de narrativas a serem traduzidas em sua dinâmica complexidade. Em lugar de uma grande história e uma única narrativa, *Urbanidade* implica reunir e cultivar diversas narrativas menores tecidas por meio de um fio ou tecido múltiplo, mas comum. Narrativas de múltiplas histórias que difundem, por todas as

¹ Arquiteto, Doutor, Professor da FAU/UFRJ, Líder do grupo de pesquisa Qualidade do Lugar e Paisagem (ProLUGAR), Co-autor dos livros Projeto do Lugar (2002), O Lugar do Projeto (2007) e Observando a Qualidade do Lugar: procedimentos para avaliação pós-ocupação (2009). Pesquisador nível 2 do CNPq, consultor ad-hoc (CNPq, Capes, FACEPE, FACITEC, FAPESP).

direções, elaborações e interações, que se mantêm coesas como um tecido de fibras. Urbanidade implica na produção de formas descentradas e não singulares de ser e conhecer. *Urbanidade* pode ser traduzida como um mundo comum, que continuará a existir independentemente do que digam ou pensem os arquitetos.

Palavras-chave: Urbanidade, Teoria Ator-Rede, Coletivo

Abstract

This article offers a reflection on the meaning of Urbanity under the principles of Actor-Network Theory (ANT) and framing it while Scientific speech. The ANT makes possible to translate the world as a net configured by the overlap of a dynamic and heterogeneous set of experiences or flows and not determined possibilities. Differently of *relate* and *representation*, translation has meant linguistic, figured and it implies in displacement of a place for another one, as well as interpretation and understanding. To translate is to make a connection to bind at and it assumes perception, as well as interpretation and appropriation. *Urbanity* can be translated as a collective one that results of the relations and interactions between human beings and non-human beings whose agreement depends on the existential context of our experiences. Based on the ANT, in place to define or to explain Urbanity, I consider to translate it as a collective one that it results of the relations and interactions between human beings and non-human beings, whose agreement depends on the existential context of our experiences. All urban collective endowed or not with Urbanity, congregates the human materiality of its physical space and elements that inhabit them, its values, affections and emotions. While some cities and places in move them, others causes malaise. These feelings or translations of Urbanity if reveal the relations between the diverse human actants and non-human actants presents in the cities and places and cannot be completely or faithful translated by words. The feeling of Urbanity contains (but it is not limited in) the materiality of a place and it does not have to be understood as a molding conceived exclusively by the human beings. The nature of the Urbanity results of the relation between nature - the world of the things in itself - and society - the world of the men in itself. The relations of Urbanity had appeared with the urbanization and precede urbanism and its theories. Urbanity can be understood as a set of narratives to be translated in its dynamic complexity. In place of the great history and a single narrative, Urbanity implies to assemble and cultivate multiple minor narratives which remain cohesive as one fiber fabric or a multiple but common tissue. Urbanity implies in the production of decentralized and not singular forms of being and knowing. Urbanity can be translated as a common world that will continue to exist independently of what the architects say or think.

Key-words: Urbanity, Actor-Network Theory, Collective

Introdução

Inspirado nas abordagens Atuacionista (Varela, Thompson, Rosch 2003), Experiencial (Rheingantz, Pedro 2004), e a Teoria Ator-Rede (ANT) ou Sociologia da Tradução (Latour, Callon, Law), este artigo procura explorar um *caminho do meio* entre aqueles que acreditam na ciência clássica e sua objetividade e aqueles que não acreditam. Ele também pode ser entendido como um manifesto contra o determinismo construtivista-social que acredita Urbanidade se resolve no âmbito dos homens entre si. Foi escrito com a intenção de convidar o leitor a considerar a possibilidade de *Urbanidade* ser entendida como um *coletivo* não definível a priori, mas que resulta das relações entre humanos e não-humanos ou sociedade e natureza.

Trata-se de uma proposição de Urbanidade como uma experiência que, a exemplo da doçura do açúcar na metáfora de Roland Fischer (Capra 1991), é uma experiência que não está nas pessoas ou no ambiente construído. A Urbanidade é produzida no processo de nossa interação com o ambiente construído. Ela é o resultado da relação entre ambos. Assim, não é possível falar dela como algo exterior a nós e passível de ser observado com distanciamento crítico. Seu enquadramento no discurso Científico é difícil e inadequado, uma vez que as teorias, conceitos e instrumentos de análise não conseguem dar conta de explicar qualquer experiência produzida em um mundo que não é pré-definido e que não depende do observador.

Qualquer experiência da realidade é indescritível! Olhe ao seu redor por um instante e veja, ouça, cheire e sinta onde você está. ... Sua consciência pode partilhar de tudo isso num único instante, mas você jamais conseguirá descrever tal experiência ... qualquer experiência é indescritível. (Laing *apud* Capra 1991: 111)

Como a realidade de *uma experiência* é uma relação produzida durante a experiência que se propõe a explicar, cabe observar que sua explicação, que também é uma *outra* forma de experiência, não deve ser confundida com a própria experiência. A Ciência também é um modo de explicar. Existem diversos modos de explicar ou de aceitar as reformulações e as explicações da experiência. Segundo Maturana (2001: 52) “o que faz com que alguém seja um cientista é a paixão pelo explicar, não pelo buscar a verdade”. O que define um cientista em ação “é o modo de explicar, o critério de aceitação de explicações que usa” (Maturana 2001: 39). Como existem inúmeras realidades diferentes mas igualmente legítimas, a *realidade* é sempre uma proposição

explicativa; suas explicações científicas são “universais” apenas para aqueles que aceitam o seu critério de validação. Assim, a não aceitação dos critérios de validação de uma proposição explicativa, como a apresentada neste artigo, pode ser uma decorrência de estarmos transitando em diferentes [mas igualmente válidos] domínios da realidade.

A estrutura do artigo segue o padrão utilizado nos trabalhos acadêmicos. Inicialmente apresento um conjunto de fundamentos ou critérios de validação que caracterizam o domínio da realidade em que estou transitando, bem como o significado de algumas palavras-chave utilizadas por Bruno Latour necessárias para o entendimento da Teoria Ator-Rede (ANT). A seguir, recorro a um estudo de caso – o conjunto urbano da rua Pires de Almeida, na cidade do Rio de Janeiro – para explorar as possibilidades de um método que “*permite documentar tanto a construção do fato quanto da ficção*”² (Latour 2000: 166) com vistas a justificar o entendimento de que a qualidade da Urbanidade ou da [des]Urbanidade não é uma propriedade dos seus moradores e frequentadores nem uma propriedade da arquitetura do conjunto; que *Urbanidade é o resultado de relações que ocorrem em um coletivo configurado por um conjunto de atuantes*³ humanos e não-humanos⁴. As manifestações de Urbanidade ou de [des]Urbanidade, em lugar de fatos estáveis, concretos, são fluxos e possibilidades dinâmicos de uma rede que se caracteriza pela justaposição de materiais ou eventos heterogêneos envolvendo espaço, tempo e conhecimento ou experiência. A incursão no *coletivo* Pires de Almeida, que relaciona a materialidade de seu espaço físico com os elementos humanos que os habitam, seus valores, afetos e emoções, busca evidenciar que seu entendimento depende do contexto vivencial das relações ou experiências nele produzidas.

Realidade e Explicação da Experiência em Humberto Maturana,

Segundo Humberto Maturana (2001) a *realidade* é sempre uma proposição explicativa. Não se deve confundir o explicar com a experiência que se quer explicar: *explicar* é

² Grifo meu.

³ Por entender que a palavra inglesa “actor” (*ator*) se limita apenas aos humanos, e que *ator* é aquele que se transforma em outro, sua competência pode ser deduzida de seus desempenhos ou representações; que em um ensaio de laboratório, uma ação sempre é registrada por um protocolo de experiência, Latour (2001; 2004) utiliza o termo Inglês “actant” (*atuante* ou *actante*). Aqui temos uma forte evidência de aproximação com a proposição atuacionista de Varela, Thompson e Rosch (2003).

⁴ Grifo meu.

sempre uma reformulação da experiência que se tenta explicar. Em outras palavras, nem toda reformulação da experiência é uma explicação. Sem esquecer que toda explicação é sempre uma “reformulação da experiência aceita por um observador” (Maturana 2001: 28-29). Este entendimento de realidade e do explicar nos remete ao entendimento de *relato*, que significa ato ou efeito de relatar; relação; exposição escrita ou oral sobre um acontecimento; narração, descrição, informação. (Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 2009). Os relatos, mesmo os científicos, não são *fatos* ou *verdades*, mas *traduções*.

O autor observa que um ser humano na linguagem [ou um observador na experiência] é, a um só tempo, o ponto central e o ponto de partida da reflexão. Como a experiência é uma relação vivencial, que não se refere a como as coisas são, independentemente das pessoas. *Se Urbanidade é uma experiência ou um conjunto de experiências, não pode ser definida, mas usufruída.*

Abordagem Experiencial (AE)

Alinhada com o entendimento de Maturana sobre a experiência e sua explicação, a AE se baseia:

- no entendimento de que a percepção é um conjunto de “ações perceptivamente guiadas” (Varela 1992: 22);
- na abordagem atuacionista – que contrapõe a *cognição como ação incorporada* ao pressuposto “prevalente nas ciências cognitivas como um todo, de que a cognição consiste na representação de um mundo que é independente de nossas capacidades perceptivas e cognitivas por um sistema cognitivo que existe independente desse mundo” (Varela, Thompson, Rosch 2003: 17);
- na relação (ou experiência) vivenciada por um observador em um determinado ambiente em uso, que muda de significado conforme mudam as circunstâncias. O observador produz *uma* experiência na interação com o ambiente e com os outros a ser explicada com base na subjetividade, tendo o cuidado de não confundi-la com individualidade.

Sua *atenção* se volta, principalmente, para o entendimento dos significados e intenções da experiência vivenciada no cotidiano de um determinado ambiente em uso. Se a experiência e os resultados são co-produzidos, não é possível ter acesso a uma realidade independente do observador. Ela não é algo pré-determinado, estático

e imutável, mas o resultado de uma explicação que também não é independente do observador. A “realidade é uma proposição explicativa” (Maturana 2001: 37) que resulta de um processo no qual tanto os humanos quanto os não-humanos se produzem continuamente em sua mútua relação. A AE implica uma visão crítica não dualista, mas somativa; uma postura aberta e atenta ao ambiente ou *coletivo* composto de homens, coisas e técnicas cujo movimento “apaga” as fronteiras entre sujeito e objeto (Pedro 1998); aceitar a impossibilidade de “uma mente lá dentro” observar “um mundo lá fora” (Latour 2001: 338); e na inadequação do distanciamento crítico e sua pretensa neutralidade. Na mesma linha de raciocínio, o neurologista António Damásio (1996: 255) observa que “quando vemos, ouvimos, tocamos, saboreamos ou cheiramos o corpo e o cérebro participam na interação com o meio ambiente.” Mais uma evidência da inadequação de uma definição de Urbanidade.

Teoria Ator-Rede (Actor-Network Theory – ANT)

Nesta seção, apresento e explico os princípios da ANT, que se baseia no entendimento do mundo [ou da realidade] como uma rede configurada pela justaposição de um conjunto dinâmico e heterogêneo de experiências ou de fluxos e possibilidades não deterministas. Desenvolvida por Michel Callon, Bruno Latour e John Law, esta abordagem considera que os atores humanos e não humanos estão interligados a um *coletivo* ou rede social de elementos materiais e imateriais. “Em lugar de três pólos – uma realidade ‘fora’, uma mente ‘dentro’ e uma multidão ‘embaixo’ – chegamos por fim a um senso que chamo de *coletivo*” (Latour (2001: 29), Segundo Rosa Pedro (1998), coletivo ou *mistura de homens, coisas e técnicas* apaga a fronteira entre sujeito e objeto e possibilita conceber cada objeto ou evento. A exploração das fronteiras arbitradas entre o “natural”, o “técnico” e o “social” gera híbridos de natureza, ciência e cultura expressas por meio de um conjunto não homogêneo (e contraditório) de narrativas dos seus diversos protagonistas.

Os *atuantes* humanos e não-humanos assumem *identificações*⁵ de acordo com a sua estratégia de interação. Suas qualidades são definidas por meio de

⁵ Em concordância com o entendimento de Zigmunt Bauman de que identidade “e um monte de problemas ... de nossa era ‘líquido-moderna’” (Bauman 2005: 18). “Quando a identidade perde as âncoras sociais que a faziam parecer ‘natural’, predeterminada e inegociável, a ‘identificação’ se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um ‘nós’ a que possam pedir acesso” (Bauman 2005: 30). [grifo nosso]

processos de negociação nos quais humanos e não-humanos são tratados como variáveis na análise da atividade científica (Wikipédia 2010).

A ANT e possibilita traduzir um conjunto heterogêneo de narrativas com o propósito de contornar a precariedade e os dilemas presentes no processo de entendimento de Urbanidade. A ANT pode ser considerada uma tentativa de ordenar elementos heterogêneos em torno de um mesmo fio condutor, que resultam em intervenções que navegam em um mar revolto de certezas e incertezas, de sucesso e insucesso. “As questões, as durações, os atores não são comparáveis e, no entanto, estão todos envolvidos na mesma história ... a rede é o fio de Ariadne destas histórias confusas” (Latour 1994: 7-9). A ANT requer que uma explicação se aplique nos mesmos termos tanto a vencedores como a perdedores (Latour 2000) e baseia-se em dois conceitos-chave:

- *tradução*, que “significa deslocamento, traição, ambigüidade. Significa, portanto, que partimos da não equivalência entre interesses ou jogos de linguagem e que o objetivo da tradução é tornar equivalentes duas proposições” (Latour 1988: 253), e
- *rede*, que segundo Latour (1999), significa transporte instantâneo, *sem* deformação; acesso imediato a cada parte de informação e possibilita *relacionar* a história social com a história das coisas da natureza e com a história dos artefatos [humanos + não-humanos];

e em dois princípios propostos por David Bloor:

- o *princípio de imparcialidade* - não se deve conceder privilégio àquele que conseguiu a reputação de ter ganho e de ter tido razão face a uma controvérsia científica. (Wikipedia 2010) –, e
- o *princípio de simetria generalizada*⁶ - os mesmos tipos de causas explicam as crenças verdadeiras e as crenças falsas (Wikipedia 2010).

O entendimento de rede também possibilita *romper* as dicotomias entre natureza e sociedade, contexto de descoberta e contexto da justificação, interior e exterior, centro e periferia; *compreender* os conhecimentos tecnocientíficos como efeitos de uma

⁶ Cf. David Bloor, os mesmos tipos de causas explicam as crenças verdadeiras e as crenças falsas (Wikipedia 2010). Cf. Latour (2000: 225), requer que uma explicação se aplique nos mesmos termos tanto a vencedores como a perdedores.

multiplicidade de interações sociais e técnicas; *desenvolver um* modelo diferente sobre a descoberta e a invenção, no qual a natureza torna-se o fato socialmente construído – segundo Latour (2001), na mão dos cientistas, a Natureza se assemelha à realeza da Rainha Elizabeth II.

Diferentemente do que sugere a história da Ciência, a criação não é fruto de idéias geniais ou de processos cognitivos específicos; é um fenômeno coletivo e material. A novidade é um resultado e não uma qualidade inscrita nos dados de partida. Em outras palavras, a chave para o entendimento de Urbanidade alinhado com a ANT é que motor da descoberta não está nem na cabeça dos indivíduos, nem nos critérios sociais estabelecidos: ele está distribuído num *coletivo* (Machado 2006).

Para facilitar a compreensão da proposição de *Urbanidade* como um *Coletivo*, a seguir apresento o significado de algumas palavras-chave do glossário *antiano* (da ANT):

Traduzir significa fazer conexão, “se ligar a”, e também supõe percepção, interpretação e apropriação; traduzir também possui significado lingüístico, figurado, geométrico – deslocamento de um lugar para outro – bem como de percepção, interpretação e apropriação; pressupõe tanto a ‘possibilidade de equivalência’ quanto de ‘transformação’ (Law 1992).

Sociedade “não se refere a uma entidade existente em si mesma, governada por suas próprias leis, oposta a outras entidades como natureza; significa o resultado de um acordo que, por razões políticas, divide artificialmente as coisas em esfera natural e esfera social. Para me referir, não ao artefato sociedade, mas às muitas conexões entre humanos e não-humanos, prefiro a palavra ‘*coletivo*’ ” (Latour 2001: 355).

Natureza, por sua vez, em lugar de palco racional da ação humana e social, resulta de um altamente problemático acordo cujas origens foram rastreadas por Latour (2001).

Não-humano, pode ser entendido como “uma versão de tempo de paz do objeto: aquilo que esse pareceria se não estivesse lutando para atalhar o devido processo político. Cabe observar que o par **humano–não-humano** não constitui uma forma de ‘superar’ a distinção sujeito-objeto, mas uma forma de ultrapassá-la completamente” (Latour 2001: 352).

As associações de **humanos e não-humanos**, por sua vez, visam demarcar a diferença das relações mantidas pelos sujeitos e pelos objetos no interior do coletivo;

elas apenas recordam “que não se fala *jamaís* nem dos sujeitos nem dos objetos do bicameralismo antigo” Latour” (2004: 378).

Já **objeto, sujeito e subjetividade** “são termos polêmicos, inventados para abreviar a política, uma vez colocada a natureza no lugar; não se pode usá-los, então, como cidadãos do coletivo, que só pode reconhecer sua versão civil: as associações de humanos e não-humanos” (Latour 2004: 381-381).

Uma vez apresentados resumidamente os princípios da ANT e o significado de algumas palavras-chave a ela associadas, e fiel a Maturana, vou tentar explicar o (ou seria um?) entendimento de *Urbanidade*.

Sobre o Entendimento de Urbanidade

Segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009), Urbanidade significa morada na cidade, qualidade ou condição de ser urbano; civilidade, cortesia, afabilidade, boas maneiras. Na perspectiva da ANT seu entendimento pode ser muito diferente dos conceitos usualmente utilizados para interpretá-la, que “podem ser rígidos ou limitados demais para expressar a natureza dinâmica dos sentidos do corpo e da mente” (Tulku 1997: 229), e não pode ser definido, representado nem resumido por teorias: Urbanidade é uma *relação* ou um *processo* que é vivenciado no *lugar*. Ela pode ser entendida como uma grande narrativa a ser descrita em sua dinâmica complexidade desde sua base; como um conjunto heterogêneo e dinâmico de relações entre humanos (sociedade) e não-humanos (natureza). Como nada na natureza é independente dos homens e vice-e-versa, não é possível separar a sociedade – o mundo dos homens em si – da natureza – o mundo das coisas em si. Segundo Latour (2001: 338) “não existe um mundo lá fora, não porque inexistam um mundo, mas porque não há uma mente lá dentro.”

Urbanidade [e Desurbanidade] na Rua Pires de Almeida



Figura 1 – Localização e hierarquia viária.
Fonte: Rheingantz, Alcantara, Barbosa (2007 -
digitalização s/ortofoto Folha 287C - Acervo IPP)



Figura 2 – Setores da Rua Pires de Almeida Fonte:
Rheingantz, Alcantara, Barbosa 2007 - digitalização
s/cadastral Folha 287C – Acervo IPP)

Nesta seção, fiel à idéia *latouriana* de que o laboratório tem uma ontologia onde as coisas não estão definidas, uma vez que elas se definem na própria ação⁷, procuro demonstrar que a Urbanidade [ou a Desurbanidade] da Pires de Almeida é um fluxo de possibilidades não deterministas envolvendo humanos e não-humanos. Para dar conta deste propósito apresento um conjunto heterogêneo de narrativas relativas à rua Pires de Almeida para explicitar a precariedade e os dilemas presentes no entendimento de Urbanidade relacionado com as clássicas polarizações entre natureza e sociedade, contexto de descoberta e contexto da justificação, continente e conteúdo. As narrativas reunidas a seguir⁸ evidenciam a atuação de humanos e não-humanos no *coletivo* rua Pires de Almeida, cuja história não se resume a apenas a uma história *social* ou a uma história *das coisas da natureza*. São indicativas de que sua

⁷ Quando o cientista cria um experimento no laboratório, entram diversas outras coisas que não apenas o experimento: a política, a economia, a tecnologia, etc. Cf. Latour (2001: 33-34), “se a Ciência possui certeza, frieza, distanciamento, objetividade, isenção e necessidade, a Pesquisa parece apresentar todas as características opostas: ela é incerta, aberta às voltas com problemas insignificantes como dinheiro, instrumentos e *know-how*, incapaz de distinguir até agora o quente do frio, o subjetivo do objetivo, o humano do não-humano.”

⁸ As narrativas reúnem relatos de observadores arquitetos e estudantes de arquitetura publicados em periódico e livro (Rheingantz et al 2006; Rheingantz et al 2009), de moradores, trabalhadores e jornalistas publicados em jornais e as “narrativas presumidos de alguns não humanos (animais, edifícios).

Urbanidade é um fato socialmente construído, fenômeno coletivo e material cuja novidade é um resultado, e não uma qualidade inscrita nos dados de partida.



Figura 3 – Praça Múcio Leitão, envolta pelos edifícios de 4 pavimentos.

Fonte: Rheingantz, Alcântara, Barbosa (2007)

Narrativa 1: Entre Laranjeiras e Cosme Velho, o conjunto de 23 edifícios e 158 unidades de 1 a 4 quartos *art déco* e o desenho urbano da rua Pires de Almeida e da praça Mucio Leitão (Figs. 1, 2 e 3) é um lugar de reconhecida qualidade urbana. Foi concluídos em 1927 para abrigar as diversas categorias de desempregados de uma companhia de seguros. Nos anos 50 o conjunto foi parcelado e as unidades vendidas. A morfologia urbana, a presença de janelas a partir do térreo, a inexistência de elementos ostensivos de proteção e os baixos índices de criminalidade sugerem segurança e acolhimento⁹. Sua ambiência – especialmente pela praça, *marco* do lugar e *ponto nodal* de circulação e congregação comunitária – remete à cidade tradicional.



Fig. 4 – Esquina com Rua das Laranjeiras e

Edifícios de 6 pavimentos

Fonte: O autor (2010)

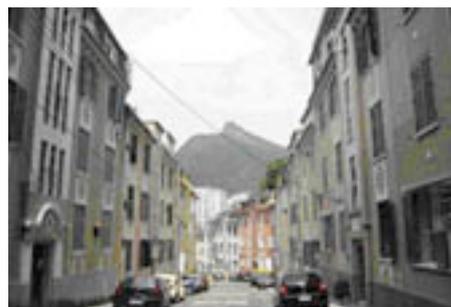


Fig. 5 - Edifícios do Setor C, com 3 pavimentos

Fonte: O autor (2010)

⁹ Exceção feita à presença da guarita instalada em 1994 para evitar a presença de pessoas indesejadas – traficantes e sem teto dormiam e faziam sexo na praça.

Os primeiros quatro blocos, com seis pavimentos, possuem sacadas de ferro, entradas com mármore e elevadores (Figs. 3 e 4). Na praça os edifícios são de quatro pavimentos e, na parte final da rua, de três pavimentos (Fig 5). Todos os edifícios possuem dependências de empregados localizadas no último pavimento. As dimensões da praça e da rua possibilitam aos moradores e freqüentadores visualizar inclusive as feições [e intenções] de qualquer pessoa ou animal que esteja na praça ou dela se aproxime e configuram um ambiente protegido e facilmente vigiado.¹⁰

As fachadas e as entradas dos edifícios são marcadas por desenhos decorativos geométricos, ritmos dos vãos e aberturas emolduradas por reentrâncias e relevos também geométricos, balcões que avançam no alinhamento frontal e dinamizam o conjunto com suas sombras projetadas. O conjunto também têm servido de cenário para filmagens cinematográficas e televisivas de época. A última reforma da praça e a pintura externa das fachadas dos edifícios que circundam a praça foi patrocinada por uma rede de televisão. Esta é uma narrativa de Urbanidade centrada na coisa (atributos da arquitetura e do urbano).

Narrativa 2: A importância histórica e arquitetônica do conjunto também é reconhecida pelos moradores e pelas matérias publicadas na imprensa. Além de acolher, entre seus moradores e freqüentadores, artistas e personalidades como Cândido Portinari, Ernesto Nazaré, Stanislaw Ponte Preta, Noel Nutels, Regis Bittencourt e Afonso Reidy, serviu de refúgio para diversos críticos do regime militar e como “moradia de artistas alternativos nos anos 70, ... ponto de encontro dos *Hell's Angels* nos anos 80”¹¹. Sua qualidade arquitetônica e urbanística motivou o tombamento dos quatro primeiros blocos (Lei Municipal 1258/85). Em 1986 o conjunto dos quatro blocos entre a rua das Laranjeiras e a praça foi tombado pelo Município (Projeto de Lei N^o. 1258/85).

Em 1987, a Rua Pires de Almeida, a Praça Múcio Leitão e o conjunto de edifícios foram considerados Área de Preservação Ambiental (Decreto N^o. 7046 de 28/10/1987)¹². Em 1991, foram criadas sete sub-áreas de preservação na cidade, uma delas a Rua Pires de Almeida uma delas (Lei 1784 de 31/10/1991). Esta narrativa de

¹⁰ As relações de altura e largura do conjunto rua-edifícios foram detalhadas por Rheingantz, Alcantara e Barbosa (2007). .

¹¹ *Um pedacinho da Europa preservado no Rio*. O Globo, 2/01/1997, Zona Sul, p. 13

¹² Transcrito do Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro, Ano I • N^o. 156 • Rio de Janeiro • Quinta-feira, 29 de outubro de 1987, pp. 1 e 2.

Urbanidade, por sua vez, mistura reconhecimento da qualidade das coisas (arquitetura do conjunto) e dos humanos.

Narrativa 3: reportagens e artigos de jornais transmitem imagem positiva e valorização do lugar tanto nos aspectos materiais, quanto imateriais, sentimentais e subjetivos. Os títulos das matérias são esclarecedores: *Endereços Especiais*¹³; *Na fronteira entre Laranjeiras e Cosme Velho, um pedacinho da antiga Europa*¹⁴; *O ‘ouvinte’ das árvores*¹⁵; *Uma rua tranqüila, como em 1927*¹⁶; *Longe da telinha, prevalece a tranqüilidade*¹⁷; *Um pedacinho da Europa preservado na fronteira de Laranjeiras com Cosme Velho*¹⁸; *Uma praça pública quase particular*¹⁹.

Narrativa 4: “Todos os meus amigos estão aqui. Todo mundo se conhece e eu posso ficar até uma, duas horas da madrugada na pracinha. Aqui é muito tranqüilo”²⁰; “aqui encontrei um pouco do interior no Rio de Janeiro ... ao cruzar a guarita a sensação é a de estar entrando em outra época, com a arquitetura *art déco* dos edifícios e sua altura proporcional à largura da rua; as brincadeiras de crianças, as conversas dos acompanhantes e os latidos esganiçados dos cachorros; “as pessoas têm o hábito de observarem, pela janela, o que se passa na rua e na praça. Ao chegar ou sair tenho a nítida impressão de estar sendo vigiada – bom pela sensação de segurança, ruim pela de sempre estar sendo controlada – a qualquer hora do dia ou da noite. Na medida em que me afasto da rua das Laranjeiras, começo a ouvir a conversa das pessoas, o ruído de panelas e o barulho dos balanços. Na praça é comum observar pessoas com expressão serena passeando ou conversando. Na praça, protegida por cerca de ferro que impede a entrada de cachorros. as crianças brincam soltas e livres. Além das babás, mães e carrinhos de bebê, idosos e adultos passeiam ou conversavam entre si e com os vizinhos que, de suas janelas e sacadas, animam o ambiente (Fig. 6). Durante o dia, as vozes e gritos produzem agradável paisagem sonora. Durante a

¹³ Jornal do Brasil, Revista Domingo, 21/02/1999, p.24.

¹⁴ O Globo 10/05/1998, Morar Bem, p. 2

¹⁵ O Globo 13/07/1991, O Meu Rio/Paulo Gracindo.

¹⁶ O Globo 20/09/1988. Botafogo, p. 5

¹⁷ O Globo, 23/05/1999.

¹⁸ O Globo, 31/09/2001. Morar Bem, p. 2

¹⁹ O Globo, 6/08/2000, Morar Bem, p.25.

²⁰ Depoimento de moradora de 17 anos In *Vila Pires de Almeida: Marselha é aqui*. Folha da Laranjeira, junho/2001, p. 8

noite, é comum encontrar grupos de adolescentes conversando em voz alta madrugada adentro. Alunos de escola de teatro vizinha costumam estacionar seus carros na rua nas noites de aula. Além de dificultar a vida dos moradores, retornam tarde da noite conversando em voz alta, perturbando o sossego dos moradores. Aqui temos uma mistura de Urbanidade envolvendo humanos e coisas com Desurbanidade relacionada com os comportamentos dos humanos.



Figura 6 – Praça Mucio Leitão utilizada. Fonte: Rheingantz, Alcantara, Barbosa, 2009)

Narrativa 5: “Me encanta ouvir o farfalhar das folhas das amendoeiras ou o canto dos passarinhos e o movimento dos micos; sentir o cheiro de terra durante as chuvas; me incomoda a sonodiversidade dos adolescentes em animados e descontraídos grupos à noite – às vezes excessivamente ruidosos e inconvenientes; me incomoda a ruidosa ladainha matinal dos professores da academia de ginástica, da música pasteurizada e ruidosa da casa de festas e do clube vizinhos; bem como a conversa matinal da “confraria” dos porteiros, quando lavam os carros e varrem a rua. Esta narrativa mistura Urbanidade da natureza e das coisas com Desurbanidade produzida pelos humanos.

Narrativa 6: Os animais participam ativamente do coletivo Pires de Almeida. Chama a atenção a densidade de habitantes caninos ruidosos e histéricos Moradores das redondezas também costuma trazer seus cães para fazerem suas necessidades fisiológicas – alguns não costumam recolher os dejetos, que sujam ruas, calçadas,

além dos sapatos dos transeuntes mais distraídos. A proximidade com a mata e as amendoeiras da praça atrai diversos tipos de pássaros que alegrem as manhãs com seu canto, insetos, micos e morcegos – que, ao final das tardes e início das noites mais quentes, realizam vôos razantes e, eventualmente, “visitam” os apartamentos assustando seus moradores. Esporadicamente aparecem outros visitantes menos ilustres em busca de alimentos: cuícas e micos. Morcegos e cuícas não seguem os protocolos sociais dos humanos. Suas incursões aos apartamentos em busca de alimento são a sua manifestação de Urbanidade. Para os moradores dos apartamentos, se trata de uma evidência de Desurbanidade.

Narrativa 7: Durante as festas juninas e copas do mundo, a rua se enfeita com coloridas bandeirinhas (Fig 7; também são comuns as festas de aniversário de crianças – nem sempre moradoras da rua. A rua também protesta contra a omissão das autoridades públicas, por meio de faixas colocadas junto da esquina com a rua das Laranjeiras. (Fig. 8) ou manifesta sua religiosidade. Nova manifestação de Urbanidade simbiótica de humanos e coisas.



Figura 7 – Rua enfeitada para festa junina
Fonte: O autor (2005)



Figura 8 – Protesto durante epidemia de dengue
Fonte: O autor (2006).

Narrativa 8: O estacionamento irregular de veículos é um problema de difícil solução – em função do número restrito de vagas de garagem, moradores e visitantes estacionam seus carros na rua ou sobre a calçada, dificultando a circulação de pedestres. Este problema é agravado pela proximidade de uma empresa estatal, uma escola de teatro e duas academias de ginástica, cujos empregados e alunos costumam estacionar seus carros na rua, dificultando a vida dos moradores dos 17 edifícios que não dispõe de garagem (Fig. 9). Intervenções sem critério ou planejamento nos edifícios são visíveis. Nos quatro blocos próximos da rua das

Laranjeiras, nos anos 50/60 foram construídos “puxados” no recuo de fundos; nos blocos da praça e no trecho final da rua, a construção de telhados com diferentes configurações ocupando os terraços enfeiam e descaracterizam a volumetria e as fachadas dos edifícios. A “favelização” das fachadas dos fundos, com a substituição das aberturas originais por outras de diversos materiais e formatos sugere falta de preocupação dos moradores com as características do edifício e com a unidade do conjunto arquitetônico. A posição aleatória dos aparelhos de ar-condicionado desconsidera os elementos e a composição das fachadas.



Figura 9 - Carros estacionados na calçada

Fonte: O autor (2007).

Apesar das medidas de proteção (*Narrativa 2*), modificações irregulares seguem ocorrendo (Figs. 10 e 11) sem qualquer ação impeditiva ou punitiva dos órgãos municipais. Elas refletem o descaso e a desinformação dos moradores com as exigências legais da municipalidade que, por seu turno, não faz a sua parte: a fiscalização se limita a dificultar a vida do síndico/morador que tenta regularizar obras de manutenção – pintura, recuperação de revestimentos, etc..



Fig. 10 – Acréscimo em terraço de edifício

Fonte: O autor (2007)



Fig 11 – Acréscimo Edif. da Praça Mucio Leitão

Fonte: O autor (2010)

O lixo depositado na esquina da praça nos dias de recolha é outro problema. Como a coleta é realizada pela manhã, o lixo “convive” com as crianças, idosos e animais que freqüentam a praça (Fig. 12). Também chama atenção a precariedade da manutenção da rua e da praça. A sensação de abandono e de falta de conservação da via e do mobiliário urbano é evidente. Aqui temos uma clara evidência de Desurbanidade dos humanos apesar da Urbanidade das coisas (arquitetura e urbanismo).



Figura 12 – Lixo à espera da coleta

Fonte: O autor (2007)

Considerações Finais

Acredito que este conjunto de narrativas evidencia que o entendimento de Urbanidade na perspectiva da ANT não pode ser representado nem resumido por teorias. Aqui, penso, temos um *fato* socialmente construído por mim. Por ser uma **experiência** vivenciada por um **coletivo** que é configurado a partir de um conjunto heterogêneo, dinâmico e inseparável de relações entre o mundo dos homens em si (sociedade) e o mundo das coisas em si (natureza). As narrativas misturam Urbanidade com Desurbanidade em um fluxo de possibilidades não deterministas que se definem na própria experiência. Urbanidade e Desurbanidade são fenômenos coletivos e materiais *socialmente construídos* cuja novidade é *um resultado e não uma qualidade inscrita nos dados de partida*.

Urbanidade e Desurbanidade implicam na produção de formas descentradas e não singulares de ser e conhecer, que podem ser traduzidas como um mundo comum, que continuará a existir independentemente do que digam ou pensem os arquitetos. As inegáveis qualidades ambientais engendradas desde sua construção que atendem a critérios de dimensionamento da boa forma urbana, tais como *sentido*, *vitalidade* e *adequação* (Lynch 1999) não são suficientes para conferir Urbanidade ou Desurbanidade ao *Coletivo Pires de Almeida*. É indispensável reunir e cultivar

diversas narrativas menores de múltiplas histórias que difundem, por todas as direções, elaborações e interações, que se mantêm coesas como um tecido de fibras.

Referências Bibliográficas

- BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CASTRO, Rafael B. de. **Redes e Vigilância: Uma experiência de cartografia psicossocial**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social)
- CUKIERMAN, Henrique. **Yes, nós temos Pasteur**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007
- DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUISS DA LÍNGUA PORTUGUESA (v 1.0). Objetiva: São Paulo: 2009.
- LATOUR, Bruno. *Keynote Speech: On Recalling ANT*. In: LAW, John; HASSARD, John (eds) **Actor Network Theory and After**, Oxford: Blackwell, 1999.
- _____. **Ciência em Ação**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- _____. **A Esperança de Pandora**. Bauru/SP: EDUSC, 2001.
- _____. **Políticas da Natureza**. Bauru/SP: EDUSC, 2004.
- _____. **Reassembling the Social: na Intraduction to Actor-Network Theory**. Nova Iorque: Oxford Press, 2005.
- LAW, John. *Notes on the Theory of the Actor Network: Ordering, Strategy and Heterogeneity*. Lancaster: Centre for Science Studies, Lancaster University, 1992. Disponível em < www.lancs.ac.uk/fass/sociology/papers/law-notes-on-ant.pdf > consulta em 28jul2010.
- LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (edição original em Inglês de 1960)
- MACHADO, Carlos J. S. *A Invenção científica segundo o modelo da sociologia dos cientistas e os Social Studies of Science*. In **Ciência e Cultura** vol. 58 n.3 São Paulo, Jul/set 2006. Disponível em < http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252006000300002&script=sci_arttext > acesso em 29jul2010.
- MATURANA, Humberto. **Cognição, Ciência e Vida Cotidiana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- PEDRO, Rosa. *Cognição e Tecnologia: entre natureza, cultura e artifício*. In **Documenta**, n. 9. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998
- RHEINGANTZ, Paulo A. *De Corpo Presente - Sobre o papel do observador e a circularidade de suas interações com o ambiente construído*. In: **Anais do NUTAU'2004**. São Paulo: NUTAU/USP, 2004. Disponível em < www.fau.ufrj.br/prolugar >
- RHEINGANTZ, P.; ALCANTARA, D.; AMORIM, F.; BARBOSA, A.; LAUREANO, A. ; *Rua Pires de Almeida: Observação Incorporada de Um Lugar Público Particular*. In **Paisagem e Ambiente**, v.22, p.30 - 40, 2006.
- RHEINGANTZ, P.; ALCANTARA, D.; BARBOSA, A. *Pires de Almeida: Reduto da Alma Encantadora das Ruas do Rio de Janeiro*. In COMAS, C. A.; PEIXOTO, M.; MARQUES, S. M. (org.) **O Moderno Já Passado O Passado no Moderno: reciclagem, requalificação, rearquitetura**. Porto Alegre : Editora UniRitter, 2009, v.6, p. 279-300.

URBANIDADE. Disponível em < <http://groups.google.com.br/group/urbanidade> >
consulta em 10set2010.

VARELA, Francisco. **Sobre a competência ética**. Lisboa: edições 70, 1992.

VARELA, Francisco; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. **A mente Incorporada**.
Porto Alegre: ArtMed, 2003.

WIKIPÉDIA. Disponível em < <http://pt.wikipedia.org> > consulta em 11set2010.